

Constituição de liderança quilombola no Pará: reflexões para
uma pedagogia decolonial

Quilombola leadership constitution in Pará: reflections for a
decolonial pedagogy

Gilcilene Dias da Costa¹
Oberdan da Silva Medeiros²

Resumo

Este artigo trata do processo de constituição de liderança quilombola no estado do Pará, município de Baião, Comunidade Umarizal-Beira, Brasil, tendo como recorte a trajetória de vida do Sr. Narciso Vieira. Objetiva-se analisar a formação desta liderança, abstraindo o seu processo histórico-pedagógico e os caminhos de luta e (re)existência nesta comunidade. Metodologicamente, desenvolveu-se a pesquisa com base na história oral. Teoricamente, pautou-se a análise nos referenciais da teoria decolonial em articulação com a noção de afrodescendência, tais como BHABHA (2010), ESCOBAR (2005), HALL (2006), CUNHA JÚNIOR (2005), PEREIRA (2007), no intuito de pensar elementos para uma Pedagogia Decolonial. Os resultados indicam que a constituição da liderança quilombola na Comunidade Umarizal-Beira se deu em meio a processos culturais e políticos marcados por conflitos contra o racismo e a negação da afrodescendência de uma população negra que se constituiu no interior da Amazônia vivenciando práticas de resistências identitárias. Tais processos apresentam uma

¹ Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Docente efetiva da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Faculdade de Linguagem. Coordenadora e Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPA) e docente do Doutorado em Rede da Amazônia - EDUCANORTE. E-mail: costagilcilene@gmail.com.

² Graduado em Ciências Sociais, possui Mestrado Acadêmico em Educação e Cultura pelo PPGEDUC/UFPA. Atualmente, é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) e cursa doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da UFPA. E-mail: oberdanazul@yahoo.com.br

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 36-61, 2021

dimensão pedagógica ao potencializar uma educação anti-racista e afirmação da identidade e cultura negra como elementos de uma Pedagogia Decolonial.

Palavras-chave: Liderança quilombola. Comunidade Quilombola. Afrodescendência. Pedagogia Decolonial.

Abstract

This article discusses about the constitution process of a quilombola leadership in the state of Pará, municipality of Baião, Umarizal-Beira Community, Brazil, having as a clipping the life trajectory of Mr. Narciso Vieira. The objective is to analyze the formation of this leadership, abstracting his historical-pedagogical process and the ways of struggle and (re) existence in this Community. Methodologically, this research was developed based on oral history. Theoretically, the analysis was based on the references of decolonial theory in articulation with the notion of African descent, such as BHABHA (2010), ESCOBAR (2005), HALL (2006), CUNHA JÚNIOR (2005), PEREIRA (2007), in order to think elements for a Decolonial Pedagogy. The results indicate that the constitution of the quilombola leadership in the Umarizal-Beira Community occurred among political and cultural processes marked by conflicts against racism and the denial of an African descent of a black population that was constituted in the Amazon inland, experiencing practices of identity resistance. These processes presents a pedagogical dimension with potential for an anti-racist education and the affirmation of black identity and culture as elements of a Decolonial Pedagogy.

Keywords: Quilombola leadership. Quilombola community. African descent. Decolonial Pedagogy

Introdução

No presente texto, analisamos o processo de constituição de uma liderança³ quilombola como fator educativo na comunidade quilombola de Umarizal Beira, localizada no município de Baião, estado do Pará, Brasil, terra de jovens, crianças e adultos que herdaram a condição humana deixada pelos seus ascendentes negros, escravizados no processo de colonização.

O município de Baião fica localizado no Baixo Tocantins, região composta por sete municípios: Abaetetuba, Igarapé Miri, Limoeiro do Ajuru, Cametá, Mocajuba, Baião e Oeiras do Pará. Esta encontra-se numa área de fronteira, localizada entre a Amazônia Central e Amazônia Oriental, Nordeste do Pará, coincidentemente é onde passa a linha dividindo a microrregião do Baixo Tocantins e a de Tucuruí. Integra a Bacia do Tocantins, a segunda mais importante do país, superada apenas pela Bacia do Rio Amazonas. É indicada como a de maior potencial para a geração de energia hidrelétrica. Do ponto de vista do seu potencial econômico é um dos eixos de planejamento do governo federal, no que diz respeito à área do transporte e geração de energia, o que prenuncia outros impactos sociais e ambientais para as populações locais (COSTA, 2006, p.21).

A comunidade de Umarizal-Beira, segundo a memória⁴ local, tem seus primórdios marcados pela desagregação de Paxiubal⁵, primeiro local de concentração e organização da comunidade. Foi chamado de Umarizal

³ A categoria liderança será trabalhada no singular devido o foco de análise estar centrada na trajetória de vida do Sr. Narciso Vieira enquanto ponto de partida da enunciação desta escrita.

⁴ O sentido empregado aqui está embasado em Bosi (1994, p. 89), para quem a memória “lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol. Realiza uma evocação: o apelo dos vivos, a vinda à luz do sol, por um momento”. Isso quer dizer que a memória, por meio do seu caráter evocativo, possibilita aos sujeitos a ascensão de situações que foram vividas e que poderiam se perder no inconsciente. Ela realiza a função de reconstruir as lembranças para que o sujeito consiga aprender algo para o seu presente e compreender que o passado é relevante para a sua formação tanto identitária quanto de sujeito ativo na sociedade.

⁵Paxiubal, onde hoje se localiza a comunidade em questão onde iniciou a povoação, posteriormente chamada de Umarizal porque havia uma grande quantidade de pés de marí e por isso recebeu esse nome.

porque havia uma grande quantidade de pés da árvore de marí⁶. A população de Umarizal aumentou e se tornou Vila de Umarizal, onde reside hoje com uma maioria de famílias autodeclaradas negras. Cabe destacar que nem todas as famílias são originariamente remanescentes quilombolas.

Seu histórico de fundação nos remete ao que Hall (2006) indica a respeito dos processos de identificação das comunidades na pós-modernidade: “a diferença específica de um grupo ou comunidade não pode ser afirmada de forma absoluta, sem se considerar o contexto maior de todos os “outros” em relação aos quais a “particularidade” adquire um valor relativo” (HALL, 2006, p. 81). No caso de Umarizal-Beira, as comunidades constituídas por minorias e sua relação com a tradição e a modernidade não se desenvolvem a partir de noções binárias (dentro/fora; local/global; particular/universal) como algo fixo, de via única, mas sim por um importante hibridismo. Para este autor, nestas comunidades:

Alguns indivíduos permanecem profundamente comprometidos com as práticas e valores tradicionais [...]. Para outros, as chamadas identificações tradicionais têm sido intensificadas (por exemplo, pela hostilidade da comunidade hospedeira, pelo racismo ou pelas mudanças nas condições de vida mundiais). Para outros ainda, a hibridização está muito avançada – mas quase nunca num sentido assimilacionista. Esse é um quadro radicalmente deslocado e mais complexo da cultura e da comunidade do que aqueles inscritos na literatura convencional. O hibridismo marca o lugar dessa incomensurabilidade. (HALL, 2006, p. 72).

Ainda conforme o autor, as pessoas em condições diaspóricas são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas. Dessa forma as lideranças quilombolas, constituem um grupo diaspórico uma vez que são remanescentes das comunidades Afro-brasileiras os quais, portanto, lutam contra o racismo, o preconceito e a

⁶ Seu nome científico é poraqueiba sericeia Tul. Nativa de toda região Amazônica, é facilmente encontrada nas cercanias da vila de Umarizal, de dezembro a fevereiro. Seu fruto é consumido na forma *in natura*, apresenta sabor e aroma acentuado e marcante.

discriminação racial direta e indireta; o racismo institucional e do estado brasileiro.

O estudo aqui apresentado apresenta um recorte sobre as dinâmicas de vida de uma comunidade quilombola⁷ em seu cotidiano e seus processos educativos no que diz respeito à influência que estes têm sobre a constituição de lideranças e práticas das suas práticas de resistências como fator educativo na Comunidade Quilombola de Umarizal Beira, Baião-Pará, Brasil. Os sujeitos do território quilombola estarão representados na trajetória de vida de sua liderança comunitária, o Senhor Narciso Vieira. No movimento das lutas e resistências desta comunidade serão levadas em consideração nos processos educativos, culturais, históricos, sociais do cotidiano da comunidade que, dentro da sua especificidade de vida, pode ser tida como o recorte de uma categoria de sujeitos quilombolas que clamam por direitos negados ao longo da história brasileira.

A relevância deste estudo está em refletir e dialogar com narrativas de sujeitos quilombolas em seus processos de formação de lideranças e com diversos trabalhos voltados para a temática das relações étnico-raciais em educação, debater os desafios e as perspectivas da realidade abordada, a busca por liberdade, justiça, combate ao racismo, reconhecimento das peculiaridades negras diante da sociedade e, em escala maior, a valorização dos processos educativos desses sujeitos. Isto se justifica em razão de que, esses sujeitos, ao longo da história, foram excluídos do acesso às políticas públicas que viessem a contemplá-los como cidadãos de direitos, apontando para a reversão da percepção racista que se tem destes como culturalmente atrasados e destituídos de identidade cultural.

Percurso metodológico

Os dados analisados e expostos neste artigo foram levantados mediante pesquisa de campo. As entrevistas foram feitas no ano de 2017,

⁷ Historicamente, associado com espaços de resistência à violência racista praticada contra a população negra e, portanto, faz relação direta com a temática aqui apresentada. *Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 51-77, 2021*

durante a pesquisa de Mestrado, com as lideranças da comunidade da Associação Remanescente de Quilombo de Umarizal Beira, no município de Baião-PA. Foram entrevistadas 04 lideranças que compõem a diretoria da associação quilombola, mas, para este artigo, dialogaremos com a narrativa produzida pela entrevista do senhor Narciso Vieira, atual presidente da associação quilombola, por ser o mais antigo dos membros em termos de inserção no movimento social, assim como fundador da associação e membro com mais tempo a frente da mesma.

A escrita se apresenta de forma descritiva e analítica, ancoradas na concepção pós-colonial de análise, pondo em evidência a transformação do *status* colonial para o nacional a partir da atuação de diferentes grupos sociais e buscamos articular com uma abordagem de natureza qualitativa. Também valorizamos a história e a cultura do lugar e das comunidades do local, sem perder de vista a história e a cultura de matriz africana, que considera a sucessão de gerações e de grupos ancestrais (CUNHA JÚNIOR, 2005).

Utilizamos articuladamente um viés interpretativo nas análises dos materiais da pesquisa, documentos e narrativas, procurando levantar e discutir questionamentos que considere as enunciações das histórias de vida, o processo de constituição de lideranças, as práticas de resistências e lutas da comunidade como fator educativo para a compreensão das consequências do trato das questões étnico-raciais no processo de entendimento do papel das práticas educativas na trajetória da população negra.

Buscamos o diálogo com a abordagem da afrodescendência⁸, que exige que o pesquisador adentre e compreenda a situação, os valores sociais e as formas culturais das comunidades afrodescendentes. Para tanto, se faz

⁸ Este conceito encontra-se fundamentado em trabalhos de autores como Cunha Jr. (1987 1998); Banton (2000), Gonçalves e Silva (1994, 1999), sendo que a afrodescendência se configura num enfoque político-cultural, construído na relação histórica da ascendência africana diversa, marcada pela trajetória de luta e exploração no escravismo e racismo. (CUNHA JR., 1996, 1998; SODRÉ, 1983, 1999).

necessário reconhecer o pensamento de base africana como um dos elementos importantes para a compreensão da constituição da sociedade brasileira sob uma perspectiva dialógica e analítica capaz de identificar sujeitos que promoveram a nova perspectiva nacional (CUNHA JÚNIOR, 2005).

Outro campo de estudos que serve de base para esta abordagem é o Pós-Colonialismo e suas categorias analíticas, que buscamos aproximar à compreensão das relações étnico-raciais existentes no quilombo de Umarizal-Beira. Como explica Fanon (1979), aparentemente o ambiente de conflito racial está ligado a artifícios de controle como forma de poder característico do poder colonial que ainda se perpetua negando aos negros a existência, mas, junto a isso, há de se considerar os atravessamentos discursivos que produzem e alteram as relações interculturais e ressoam seus efeitos de poder na subjetividade do sujeito negro, em sua identidade, cultura e modos de resistência.

A problemática da educação para as relações étnico-raciais no Brasil nos encaminha para o debate da garantia à igualdade racial como princípio e o reconhecimento da diferença como valor social. A situação vivenciada pela comunidade em questão, nos traz à luz uma discussão fortemente assentada na reflexão sobre a consciência coletiva da população sobre sua condição humana, levando-se em conta seus tempos e espaços de vida e resistência.

Liderança quilombola e o “lugar” como território identitário

Por liderança quilombola entendemos a condição da pessoa negra que se constitui no processo coletivo de luta e resistência ao poder colonial instituído, seja no labor da vida por condições dignas para comer, dormir, educar, morar, sonhar, enfim, ter o calor da família, seja na luta pela propriedade da terra e por direitos à cidadania. A liderança quilombola é constituída de um emaranhado de significados relacionados a experiências e práticas desses sujeitos, sobre o que pensam e fazem no dia-a-dia, tendo como foco o cotidiano “doce e amargo” das relações de conflitos com o Poder

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 51-77, 2021

Público; da mobilização das festas e dos pares; da articulação do encontro; da provocação do diálogo; das conquistas que fazem da pessoa negra quilombola uma liderança coletiva.

Trabalhamos com bastante cuidado as dimensões das crenças, posturas, valores, ações, práticas e atitudes que constituem o sujeito/liderança negra do quilombo Umarizal-Beira. Ao investigar a formação dessas lideranças, tendo em vista a complexidade e as multirreferencialidades que perpassam esses sujeitos, observamos seus percursos formativos, lutas, sonhos e perspectivas coletivas invisibilizadas historicamente. Entendemos que uma liderança comunitária não é o outro criado pelo olhar do colonizador, mas o outro da alteridade no qual se reconhece e se constitui o fazer/ser negro.

Ao adentrarmos no tema das afro-descendências (CUNHA JÚNIOR, 2005), notamos que essas lideranças são constituídas por afinidades de elementos de etnicidade negra, como a cor da pele, o passado histórico, a ancestralidade africana, a tradição religiosa e modos de gestão e de partilha/comunhão da vida com dignidade. A “paisagem política” que se expressa na liderança se desdobra nas trajetórias de vida repletas de subjetividades da comunidade, traçadas nas lutas e nas condições de vida, revertidas de saberes e concepções sobre ser liderança quilombola. Desse modo, trata-se o material coletado devidas de um lugar, marcadas pelas lutas contra a exclusão da população negra.

A constituição do sujeito/liderança significa para nós uma construção do sujeito pelos encontros e desencontros entre aquilo que se acredita ser direito e a ausência de políticas públicas que resultam num sentimento de respeitado e reconhecidos. Trata-se da formação de uma identidade construída na luta pela vida, na busca por justiça e direitos estruturados na história do povo negro e na trama da vida cotidiana que o lugar para o qual foi destinado se lhe impõe.

No tocante ao processo de constituição das lideranças quilombolas na comunidade Umarizal-Beira, especialmente a do senhor Narciso Vieira, notamos que sua formação foi atravessada por diversas situações no

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 51-77, 2021

decorrer da vida. A Escola é elemento importante na constituição de lideranças, mas o que percebemos na pesquisa é que as lideranças desenvolveram um saber muito refinado sobre a vida, gestão, direitos a despeito da formação escolar que é importante, mas não se constitui atributo principal na formação dessas lideranças, haja vista que muitos (principalmente os mais velhos) não tiveram acesso à escolarização ou a apenas uma parte desta.

A formação escolar do Senhor Narciso se deu até o início do nível médio: “fiz o primeiro grau completo no EJA, no antigo eu estudei apenas a primeira serie primaria”. Por meio deste depoimento, observamos as dificuldades de crianças negras e pobres para estudar. São dificuldades estruturais da sociedade e das famílias brasileiras, as quais, em situação de extrema pobreza não têm condições de mantê-lo na escola. O ciclo de dificuldades é agravado pelas burocracias da instituição escolar que emperra o processo de inserção da criança devido a não apresentação de documentos. Notamos também que o direito à educação formal via escolarização esteve ausente na formação dessas lideranças, mas eles sabem do valor da escola e retornam a ela dando mais uma chance a essa instituição. Senhor Narciso depois de certa idade e tantas outras experiências retorna à escola, mas nela não consegue permanecer devido às dificuldades e problemas de saúde.

[não chegou a fazer o ensino médio?] Não, eu comecei mas adoeci e não continuei, em 2010 mesmo, 2010/2011 eu iniciei o médio aí eu adoeci.

[mas aí o senhor não teve vontade de voltar?] não, porque eu fiquei uns dias fora e pegar o bonde andando é ruim.

[mas ainda dá de voltar né, se fosse o caso de voltar ainda dava] eu pensei, mas aí eu já desisti. (NARCISO VIEIRA, 2017, entrevista)

O enredo dessa conversa mostra que a escola em grande medida é corresponsável no fato de Senhor Narciso “desistir” de estudar, pois se ela tivesse uma abordagem de mais abertura ao diálogo durante o tempo que ele

a frequentou, certamente ele se encorajaria a voltar, mas como ele disse: “pegar o bonde andando é ruim”, quer dizer que a escola não flexibiliza tempo/espaço para ensinar os alunos de acordo com as suas realidades. Ao contrário, há uma dureza na qual os alunos devem se ajustar à política educacional vigente e, de certa medida, excludente, especialmente para negros.

Em outro momento percebemos que o senhor Narciso Vieira atribui, com alguma ênfase, a sua inserção no movimento social a partir de sua articulação com as comunidades mediadas pela organização da Igreja Católica na qual ele era atuante como catequista.

Olha, na verdade, meu começo foi a comunidade cristão sabe? Comecei a participar de comunidade cristã assumindo já liderança. Trabalhei como catequista há diversos anos, 6-7 anos, e nesse período também fui diretor sindical, quer dizer, eu me aprofundei bastante na leitura do sindicalismo brasileiro com uma nova metodologia, com uma nova filosofia de trabalho, já discordando daquele sindicato comprometido com os patrões e isso me ajudou muito a despertar, eu consegui, na verdade, ter um entendimento da realidade totalmente diferente. Teve muita divergência claro, mas isso tudo veio com a participação do movimento comunitário, o movimento da igreja, e isso fez com que eu pudesse fazer uma grande familiarização com as comunidades, com as pessoas. Na época trabalhava daqui do Umarizal até Anuzinho. Depois, com o movimento sindical, tive a felicidade de conhecer todo o município de baião e fazer muitos cursos fora e isso me ajudou a ter essa visão e essa noção de que o sindicato vale pro trabalhador e foi até que no final dos anos 90 foi que eu abracei essa questão quilombola e isso ajudou bastante pra que a gente pudesse ter uma visão mais crítica nessa questão da participação popular, a participação do povo. Se eu não tenho esse conhecimento a partir do movimento comunitário, o movimento sindical, eu, com certeza, iria enfrentar muita dificuldade aí no movimento quilombola. [...] (NARCISO VIEIRA, 2017, entrevista).

Narciso Vieira expressa a dinâmica dos processos de constituição da liderança que se materializa em uma consciência criada por experiências que

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 51-77, 2021

estão para além das experiências vividas por ele, pois aponta que se abasteceu das experiências de outros sujeitos que o influenciaram. Destaca-se em sua fala a necessidade de articulação e organização em torno dos problemas das comunidades rurais negras. Dessa maneira, podemos dizer que as identidades diaspóricas constituem esses sujeitos ao agregar em suas vidas a história do povo negro e os modos como essa população fora marginalizada na sociedade tendo como diferencial os significados do racismo e da desigualdade social. Cabe aqui lembrar o que Hall (2006) afirma sobre os vínculos e negociações que se articulam nas referências culturais de pessoas negras da diáspora:

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais compostas por pessoas que foram dispersas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas (HALL, 2006, p.88-89).

Percebemos que a ideia de “lugar” tem muita importância na constituição da liderança. O lugar aqui se mostra como o pertencimento à região, no local e por meio de um “apego” à região, às pessoas e aos saberes e fazeres que se constituem na própria tessitura da cultura local. O senhor Narciso se autodenomina um “*ser quilombola*”⁹, nasceu em Umarizal e, ainda que tenha feito algum tipo de deslocamento, foi por pouco tempo e por

⁹[...] é difícil encontrarmos uma comunidade que diga ‘eu sou quilombola’. Só quando há autoconhecimento, autodiscussão com o movimento negro, quando há um trabalho de base – aí sim você vai encontrar. Mas numa comunidade que nunca foi visitada, que seja pouco acessível ou pouco conhecida, jamais vai dizer que lá é um quilombo. [...] Eu digo que sou quilombola porque é resultado de um trabalho do movimento negro, com pesquisas e documentos. [...] Vimos, então, que ali existiu um quilombo, porque eu não acredito que naquela época todos nós fôssemos do fazendeiro, alguém era revolucionário e a minha família era revolucionária porque eu sou revolucionário, então por isso eu sou um quilombola. Fala de Ivo Fonseca no “Seminário Técnico de Mapeamento...” da FCP (Revista Palmares, 2000: 77-8)

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 51-77, 2021

motivo de trabalho, retornando, por conseguinte, ao local de origem e ali vivendo. O próprio Estatuto da Associação traz esta definição no Art. 4º, em que se diz: “indivíduos que integrem e/ou vierem a integrar as comunidades remanescentes de Quilombos Umarizal Beira, Umarizal Centro, Boa Vista, Paritá Miri e Florestão”. Há, nesse sentido, uma “reafirmação do lugar” (HALL, 2006, p. 135).

Essa categoria “lugar” trabalhamos também a partir de Escobar (2005), na obra *A colonialidade do saber – eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas*, organizada por Edgardo Lander. Esse conceito ajuda a romper com a noção moderna de ciência que coloca o homem e a natureza em posição dicotômica:

Talvez a noção mais arraigada hoje em dia seja a de que os modelos locais da natureza não dependem da dicotomia natureza/sociedade. Além do mais, e a diferença das construções modernas com sua estrita separação entre mundo biofísico, o humano e o supranatural, entende-se comumente que os modelos locais, em muitos contextos não ocidentais, são concebidos como sustentados sobre vínculos de continuidade entre as três esferas. Esta continuidade – que poderia no entanto, ser vivida como problemática e incerta – está culturalmente arraigada através de símbolos, rituais e práticas e está plasmada em especial em relações sociais que também se diferenciam do tipo moderno, capitalista. (ESCOBAR, 2005).

O lugar é território identitário, é parte das pessoas, é dimensão inseparável delas. Não é possível vê-las fora do lugar, pois elas imprimem ao lugar significados que dão sentidos à vida como o plantar, construir a casa, cuidar da higiene do corpo, preparar os alimentos, produzir o lazer etc. O lugar é constituinte da identidade das lideranças que, por sua vez, colocam como pauta principal de reivindicação o reconhecimento pela terra mediante sua titulação.

A preocupação básica é a propriedade da terra, colocada no art. 2º do Estatuto da Associação, sendo a Associação “proprietária das terras ocupadas pelas Comunidades Remanescentes de Quilombos de Umarizal-Beira, Umarizal-Centro, Boa Vista, Paritá Miri e Florestão, localizadas à

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 51-77, 2021

margem esquerda do Rio Tocantins, na BR 222”. No texto do Estatuto, é proibida a venda ou partilha da terra, prima-se por sua utilização coletiva no sentido de dar subsistência com vistas à garantia da preservação do meio ambiente. Aponta-se no corpo do documento que as propriedades da associação “poderão ser utilizadas por Remanescentes Quilombolas de outras comunidades desde que autorizadas pela associação e que respeite o presente estatuto” (§3º Estatuto Social da ARCORQBU).

Os processos de resistência envolvem a perspectiva desse lugar. É o lugar e o direito a ele que está em jogo nos processos de resistência e de luta das lideranças quilombolas. A ideia de lugar se torna mais forte na educação dessas lideranças que nascem e constroem-se a partir das experiências com os espaços físico/sociais dos quilombolas, como ratificou o senhor Narciso Vieira:

Tenho um filho aqui que faz parte dessa reserva bem aqui ó. Quilombola. Essa aqui. Ainda tem esse resto de castanha aqui tão preservando tavam derrubando tudo e eu fui lá no fórum com a juíza e a juíza credenciou eles que ainda tem. Ele trabalhava lá pra repartimento na época aí casou pra lá aí ta esse outro meu caçula. (NARCISO VIERIA, 2017, entrevista)

Narciso Vieira percebeu nos diferenciais culturais e na realidade material desses grupos negros a necessidade de organização e de politização do local. Observe que o processo de constituição dele e de outros da comunidade se pauta na estruturação da Associação, ou seja, a criação de um instrumento legal para negociar, representar e agregar forças e poder. Nesse sentido, em tal Comunidade, não há separação entre o sujeito e aquilo que ele acredita. As lutas se tornam aprendizagens na medida em que emergem das forças organizativas da comunidade pela materialidade da Associação.

A fundação da Associação Quilombola de Umarizal ocorreu no dia 12 de outubro do ano de 1999. O intuito era unificar as comunidades quilombolas de Umarizal-Centro, Umarizal-Beira, Boa Vista, Paritá Mirí e Florestão. Na data de sua fundação o Senhor Narciso Vieira, que foi um dos

articuladores desta proposta, já se apresenta à frente da Associação ocupando o cargo de presidente, atualmente este vem desenvolvendo esta mesma função e é um agente de referência para a maioria dos líderes na atual diretoria.

A criação da Associação Quilombola é resultado de uma intensa mobilização em meio à comunidade de Umarizal, desencadeada por forças originárias da relação do Estado com as comunidades negras, enredadas ao longo da história brasileira pela ausência de regulamentação das terras dessas comunidades. O processo de resistência e educação dessas lideranças tem continuidades e adquire mais visibilidade e poder de negociação com o poder local e com os entes federativos a partir da efetiva existência da Associação.

Sob a ótica da organização dos movimentos sociais, a associação quilombola pode ser entendida enquanto instrumentos de luta que visa à transformação da realidade vivida. A associação se torna imperativo no contexto de desenvolvimento da sociedade com seus valores capitalistas (exploração da natureza, exportação etc.), contexto que leva fazendeiros e grileiros a invadirem as terras dessas comunidades que, como descrevemos anteriormente, desenvolveram uma relação social, cultural e afetiva com o território.

Consta na narrativa de Narciso Vieira que, além das ameaças, outro fator que impulsionou a criação da Associação pelos moradores foi a necessidade de captação de recursos. A busca pela autonomia vai expressar, exigir e organizar as políticas públicas na comunidade. As ações coletivas, que se constituem com a Associação, ressignificam o poder, legitimando as possibilidades de negociação com a sociedade mais ampla. Diz Narciso Vieira (2017):

(...) na verdade eu fui o fundador. Através dos meus trabalhos foi que surgiu o movimento quilombola. Então, eu fui fundador da associação de quilombos em 1999 fiquei até 2002, aí me afastei da direção e retornei em 2013 e de 2013 estamos aí e entregarei com fé em Deus em 2020, aí eu vou descansar mesmo, não quero mais saber de direção não. (...) ajudei no esclarecimento, nas articulações

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 51-77, 2021

e fundações dessas associações aí. Quando se fundou essas associações o objetivo principal no momento era a titulação da terra dado a tantas grilagens que acontecia na região. Invasão por fazendeiro por madeireiro. (NARCISO VIERIA, 2017, entrevista)

Narciso Vieira defende que a questão da terra está totalmente atrelada ao fator identitário que, por sua vez, mobiliza a comunidade a se educar pela busca do direito e no exercício da cidadania. No caso da Associação de Umarizal-Beira esta relação terra-educação se configura como um elemento chave do processo de constituição identitária.

Foi graças às lutas da Associação Quilombola, via documentação encaminhado à secretaria de Política Agrária Fundiária Quilombola e Meio Ambiente do Instituto de Terras do Estado do Pará - ITERPA, que em 21 de março de 2000 a comunidade conquistou o direito definitivo da posse de suas terras reivindicadas, compreendendo:

(...) as seguintes confinanças, frente à margem esquerda do Rio Tocantins no Leste, sul com as terras da fazenda Joana Peres e a vila do mesmo nome, Norte com as terras da Associação de Remanescentes de Bailique Centro e Oeste com terras devolutas do Estado ultrapassando 10 km mais ou menos do Rio Jacundá (...) (Ofício S/N da ARCORQBU, protocolado em 03/04/2000)

Importa atentar para o fato de que o processo de autorização da posse da terra não deve ser encarado como uma dádiva, ou simplesmente como algo concedido por uma “ocupação mansa”, pois, antes disso, foram emitidas algumas imissões de posse, por conta da resistência dos quilombolas, por seus atos de luta e reivindicação mediante a Associação Quilombola, que atualmente se chama “Associação de Remanescentes de Quilombos do Umarizal”, mecanismo legal de luta dos sujeitos desta comunidade.

A função social da escola quilombola

De acordo com a liderança Narciso Vieira existe a necessidade de se direcionar a atenção para a função social da escola, no sentido da inclusão

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 51-77, 2021

educacional da sua população e um aprofundamento dos estudos da História da África e dos africanos. Quando perguntado sobre a forma como a Associação auxilia a escola, com relação às crianças e aos jovens da comunidade, Narciso Vieira (2017) diz haver uma pré-disposição por parte da Associação para com a escola, mesmo que esta não demonstre interesse em tratar do assunto. Sobre a contribuição da escola a respeito do fortalecimento da cultura quilombola, ele disse existir uma tendência a se incluir no currículo o debate acerca do samba de cacete¹⁰ mesmo que de forma restrita. Neste ponto, sobressai uma valorização dos elementos culturais da comunidade, como é o caso também das danças de quadrilhas, como partes da tradição na comunidade. Ao ser questionado sobre a escola no sentido de sua contribuição para o fortalecimento da cultura quilombola, Narciso Vieira (2017) revela:

Quando por exemplo fala da questão do samba de cacete a escola sempre dá esse apoio mesmo que seja em restrito, mas dá. Naquilo que eu tava falando na questão das quadrilhas de São João, que sempre foram uma tradição nossa aqui, apesar de que quadrilha é muito mais amplo, é uma cultura muito mais ampla, mas a escola, como eu disse, agora, pode ser que com esse diretor possa mudar um pouquinho a característica dela em relação à questão quilombola realmente é muito mais ligado lá por cima na imposição. Uma vez eu fui convidado pra falar a respeito do sete de setembro e achei uma situação muito complicada porque quando Dom Pedro deu o berro de independência e veja a situação que nos estamos, que independência nos vamos festejar? Deveria festejar a independência? Que independência nós temos pra festejar? É meio complicado, na verdade eu posso confessar pra vocês que eu me senti ruim pra falar

¹⁰ De acordo com a liderança, o samba de cacete é uma festa de origem afro praticada nesta e em outras comunidades onde utiliza-se de dois tambores grandes feitos de troncos de árvores e tendo uma de suas extremidades tampadas com um pedaço de couro esticado e fixo para servir de percussão. Cada tambor é manuseado por dois batedores (tamborineiros) que se sentam um de costas para o outro. De um lado batuca-se o couro e do outro batuca-se a madeira com cacetes. Nas danças as mulheres vestem saias longas e rodadas, os homens usam calças curtas. As músicas retratam a realidade vivida e presente da comunidade e da cultura afrodescendente.

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 51-77, 2021

porque a maneira como eles estavam fazendo uma defesa e eu tava vendo inversa a coisa, me senti muito mal.

A partir disso pode-se inferir que a educação escolar desenvolvida na comunidade é uma reprodução da ideologia da classe dominante. Ora, seria necessário destituir este ambiente que se configura nas escolas brasileiras, como relata Santos (2005).

Portanto, ao perceberem a interiorização dos negros, ou melhor, a produção e a reprodução da discriminação racial contra os negros e seus descendentes no sistema de ensino brasileiro, os movimentos sociais negros (bem como os intelectuais negros militantes) passaram a incluir em suas agendas de reivindicações junto ao Estado Brasileiro, no que tange à educação, o estudo da história do continente africano e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional brasileira. Parte desta reivindicação já constava na declaração final do *I Congresso do Negro Brasileiro*, que foi promovido pelo Teatro Experimental do Negro (TEN), no Rio de Janeiro, entre 26 de agosto e 4 de setembro de 1950, portanto, há mais de meio século. (SANTOS, 2005, p. 23).

De acordo com Pinho (2010), o termo “raça” é uma construção social que deriva das desigualdades sociais e da vitimização do racismo do qual, no caso brasileiro, a população negra é atingida. Construída política e ideologicamente, o termo ajuda na compreensão da dominação coletiva do grupo branco em detrimento do negro, e nada tem a ver com herança biológica. Em suas palavras, “o sentido de raça é uma construção sociológica que visa compreender, numa perspectiva dialética, a situação da população negra e de outros grupos não brancos. Sendo assim, reduzir o racismo ao fator biológico é fechar o campo de análise e a compreensão do momento contemporâneo” (PINHO, 2010, p. 31).

Esta definição do termo raça nos leva a um campo de força política e ideológica e que está presente no papel político da Associação no combate ao

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 51-77, 2021

racismo. Abaixo temos a declaração de que há uma defesa constante da igualdade, de valores coletivos, perpassando as questões religiosas e culturais, independentemente de raça/cor. Novamente, Narciso Vieira (2017) reafirma que ser negro é uma atitude política. Nessa direção, o papel político da Associação no combate ao racismo vem sendo assumido. Diz Narciso Vieira (2017):

Desde muito tempo a gente sempre trabalha em defesa da igualdade, nos defendemos, nós vamos pra cima como diz a história, mostrando que o valor não tá na cor, todos nós somos iguais. Então à Associação tem se preocupado nisso. Ai que entra a questão que eu falei ainda agora envolvimento com a questão religiosa e social, política e tudo pra que as pessoas possam entender que nós somos todos iguais, independentemente da raça e da cor. E isso eu creio que tem surtido certos efeitos, apesar do pessoal gostar de pintar o cabelo. Isso é uma questão bem pessoal, questão do respeito é outra coisa. A Associação tem contribuído bastante em relação a isso com certeza absoluta. Até mesmo vendo a minha cor, que a minha pele não é negra e muitos que tem a pele negra não se consideram tão negro, como eu me considero negro e isso é visto por muita gente. Então isso é uma coisa que eu acho que tenho contribuído bastante pra que a pessoa se sinta capaz de se identificar.

Santos (2005) entende que a construção da identidade negra é uma tarefa política e é muito importante a atitude de contestação e ruptura com o processo contraditório do “tornar-se branco”, uma espécie de caricatura, anulando a autoestima do negro. No âmbito da vivência deste sujeito, muitos momentos são apontados como característicos da manifestação do racismo que em muitas vezes se traveste de brincadeira, ou se mascara tornando-se algo difícil de ser percebido. O ponto crucial aqui seria a prática do racismo, que, de acordo com Souza (1983), seja pela repressão ou persuasão, faz o indivíduo negro desejar e, até mesmo, projetar uma identidade antagônica em relação ao seu corpo, etnia e história. Esse seria um ideal que

converteria o negro ao retorno a uma possibilidade: a de ser branco e, num futuro, não ter um corpo ou uma identidade negra.

Em relações ao poder, ainda em Souza (1983), é nítida a percepção de que o negro é afetado pelos artificios negativos criados pelo branco, a exemplo das práticas de inquisição, colonialismo, imperialismo, antissemitismo, nazismo, stalinismo, dentre outras formas de opressão. É sabida a criação da escravidão, da pilhagem, das inúmeras guerras e da destruição de incontáveis etnias. No entanto, as práticas de manutenção de poder utilizam-se de mecanismos que impregnam e legitimam tais práticas e impedem qualquer oposição sobre tais desdobramentos.

Os elementos apontados acima são, antes de tudo, fatores conflitivos que desconsideram o mundo e suas relações que são criados por sujeitos interdependentes e, portanto, não podem ser vistos como estruturas que pressionam umas às outras, mas sim constituídas por indivíduos que se pressionam de maneira recíproca, gerando uma dinâmica simbólica da socialização (SETTON, 2002).

O posicionamento do senhor Narciso Vieira demonstra que, na qualidade de líder de uma comunidade quilombola, se situa de forma consciente no mundo, de maneira diferenciada e se faz perceber como agente de transformação. É neste sentido que o próximo item dará destaque às concepções políticas e de resistência quilombola. Em Stepan (2005) fatores políticos, econômicos, sociais e culturais estão imbricados desde a elaboração de teorias científicas, assim como em todas as práticas humanas, e nas relações raciais não é diferente, é, por exemplo, o debate que a mesma faz na obra “A hora da Eugenia”. Para a autora, deveria haver uma espécie de sentimento de gratidão e de humildade de cada membro de uma cultura dada, deveria ter em relação a todas as demais, não deve basear-se senão numa só convicção: a de que as outras culturas são diferentes, de uma maneira a mais variada e se a natureza última das suas diferenças nos escapa, deve-se a que foram imperfeitamente penetradas.

Pedagogia decolonial: concepções, políticas e resistências quilombolas

As lideranças exprimem ações políticas e coletivas do/no quilombo. Os depoimentos de Narciso Vieira (2017) expressam os sentidos do que é ser uma liderança quilombola, que, nas suas palavras, se constitui de maneira democrática e participativa.

Na participação, umas das coisas que eu acho fundamental é a pessoa participar junto com a gente e ele vai caminhando com todos acontecendo dessa maneira vendo minhas ações, vendo o meu trabalho. Eu acredito que a pessoa tem condições de seguir de caminhar um pouco mais junto e com isso ele vai se espelhando nas coisas boas que o outro faz. (NARCISO VIEIRA, 2017, entrevista)

A política do movimento negro se apresenta, ao nosso ver, como uma Pedagogia Decolonial, ao ensinar ao sujeito como tornar-se uma liderança coletiva e comprometida com as lutas sociais e combate ao racismo. Notavelmente, o espectro de liderança que o senhor Narciso Vieira revela define liderança quilombola como “*ter compromisso com a raça*”¹¹. As lideranças são constituídas de saberes que, não raro, lhes possibilitam estranhamentos em relação aos processos de exploração e das condições de vida nas comunidades negras. Sua condição material engrena de certa forma o movimento quilombola na luta pela igualdade de oportunidades, define também a identidade do sujeito, pois, é a partir das lutas e decisões e negociações com o poder local que se desenvolve no imaginário social e no próprio pensamento uma autodefinição (compreensão de si) como liderança comunitária.

Ao se reportar à sua formação enquanto liderança, Narciso destaca a importância da Igreja Católica, especialmente a figura de um Padre chamado

¹¹ Este foi um momento espontâneo em meio a um café da manhã em um dia de campo. *Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 51-77, 2021*

Thiago. Trata-se de um religioso, já falecido, que marcou presença na região. Ele esclarece que o Pe. Thiago

Morou 24 anos em Baião, direto...tirando o Padre Thiago teve muitas pessoas que não se trata de se espelhar, mas de pegar algum, aproveitar deles alguma coisa boa. Por exemplo, tive a possibilidade de fazer curso junto com o Maciel, com o Zelito, com o Dilton. Muita gente assim que eu aqui acolá pegava de um pegava de outro porque nessa época eu tinha estudado muito menos. Aproveitava as oportunidades que tinha e ia adquirindo mais conhecimento com esse pessoal. Depois do padre Thiago teve outros padres, ele trabalhou três anos em Baião, mas nós tínhamos uma convivência muito próxima. (NARCISO VIEIRA, 2017, entrevista)

Em vista disso, Narciso Vieira se coloca como mobilizador de seus companheiros de associação. Considera que sem influências externas seria impossível a existência da associação. Ao ser questionado sobre sua atuação como líder da Associação, e diz:

Desde muito tempo a gente sempre trabalha em defesa da igualdade, nós defendemos, nós vamos pra cima como diz a história, mostrando que o valor não tá na cor, todos nós somos iguais. Então a Associação tem se preocupado nisso. Aí que entra a questão que eu falei ainda agora, envolvimento com a questão religiosa e social, política e tudo pra que as pessoas possam entender que nós somos todos iguais, independentemente da raça e da cor. E isso eu creio que tem surtido certos efeitos, apesar do pessoal gostar de pintar o cabelo. (NARCISO VIEIRA, 2017, entrevista)

As narrativas do senhor Narciso exalam comprometimento com a comunidade, em tudo que o ele pensa, fala e faz há um compromisso com o movimento de trazer melhorias para Umarizal. Observamos que ao realizar conjunturas sobre os cursos de formação de nível superior oferecidos nas instituições de ensino, ele analisa colocando o seu ponto de vista a respeito da serventia desses cursos para a comunidade, pois na sua opinião de liderança, os jovens devem ter uma formação que sirva ao bem viver do

coletivo, caso contrário terão de sair e buscar trabalho distante e isso para ele não faz sentido.

Olha, se fosse hoje eu iria fazer direito. Por que isso? Porque eu vejo tanta irregularidade. Eu não sei se eu ia me corromper tanto como advogado por ai corrompido que já teve juízes, pra dizer a verdade já teve ate ministros corrompidos tem por ai. Então, não sei se eu ia cair nesse erro, mas eu vejo tanta coisa injusta, tanta coisa errada na minha opinião. Eu faria direito se eu pudesse, mas na verdade eu desisti do estudo. (NARCISO VIEIRA, 2017, entrevista)

Nesta outra fala, ele expressa que gostaria de estudar Direito justamente para ter condições de compreender e por si realizar os trabalhos administrativos e jurídicos da comunidade. O ensino superior em Direito representaria uma emancipação ainda maior no processo de constituição dessa liderança, mas é uma possibilidade descartada por ele, pelo menos temporariamente. A imagem abaixo mostra o ânimo e a união do grupo de lideranças em processo de formação. Seu Narciso é uma figura que exerce uma grande influência na formação das lideranças entre os jovens, estando presente em todos os momentos oportunos, é o exemplo da imagem abaixo, da esquerda para a direita ele é o segundo em pé.

Grupo de lideranças quilombolas em momentos de formação.



Fonte: Narciso Vieira (arquivo pessoal)

A Pedagogia Decolonial da qual nos referimos neste estudo é uma das armas de enfrentamento ao principal inimigo do movimento negro: o racismo. Sobre o combate ao racismo, diz Narciso Vieira (2017):

Isso é uma questão bem pessoal, questão do respeito é outra coisa. A Associação tem contribuído bastante em relação a isso com certeza absoluta, até mesmo vendo a minha cor, que a minha pele não é negra e muitos que tem a pele negra não se consideram tão negro como eu me considero negro e isso é visto por muita gente, então isso é uma coisa que eu acho que tenho contribuído bastante pra que a pessoa se sinta capaz de se identificar. (NARCISO VIEIRIA, 2017, entrevista)

Narciso Vieira defende uma comunidade politizada, pautada na construção de espaços públicos de diálogo entre iguais e diferentes, buscando intercâmbio, tentando construir saberes baseados em práticas democráticas, que emancipem seus sujeitos. A concepção política do senhor Narciso advém do seu aprendizado no movimento social. O papel ativo que assumiu se constitui em um real processo educativo, que não se reduz a transmitir algo, mas sim em se engajar na vida. Nesses termos, uma Pedagogia Decolonial é capaz de instigar o questionamento dos discursos colonizadores do outro historicamente excluído e de contribuir para o

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 51-77, 2021

renascimento de uma escola quilombola politicamente alinhada aos anseios históricos da população negra quilombola e lutas no presente, com resistência social e afirmação identitária.

Portanto, pelo exposto, ser uma liderança quilombola já se define como algo complexo. Trata-se de um sujeito que se mobiliza e se organiza em torno de ideais de lutas coletivas através da Associação Quilombola, forjando identidades territoriais. Ao enfrentar conflitos, os quilombolas ultrapassam a luta pela terra em sentido físico e de trabalho, superando a lógica da mera produção material da vida, ao combinar a luta pela terra, pelo território, ao modo vida quilombola. Assim, podemos entender que o vínculo que a liderança da Associação constrói junto aos quilombolas, faz o indivíduo sair da esfera particular e passar a integrar uma esfera pública, o que inspira mobilização e atuação coletiva. Observamos que há uma passagem do indivíduo para o coletivo, isso é o que encaramos como fator de construção subjetiva.

Considerações finais

O modo de vida da comunidade quilombola de Umarizal-Beira e sua relação com a educação, tratada como Pedagogia Decolonial como práticas formativas de resistências do movimento quilombola, se mostra desenvolvida por seus membros a partir da sua relação com instituições e sujeitos externos à sua associação além dos desdobramentos dos processos de resistência desenvolvidos por estes sujeitos nos diversos momentos de aprendizados com as lideranças.

O conceito de liderança apresenta inúmeros significados. Verificou-se que as várias concepções do processo colonial coincidem com as práticas e os saberes locais da comunidade de Umarizal e que sua Associação Quilombola é crucial para o exercício da cidadania e reconhecimento destes sujeitos como agentes políticos. Analisando o processo de constituição da liderança quilombola entendemos que estas lideranças são constituídas de bases étnicas, históricas, políticas e educativas, visando uma aproximação

com a Educação das Relações Étnico-raciais. É justamente no contexto social que se inserem as atitudes destes sujeitos, cujos repertórios cultural e político apontam para a concepção de que descendem de povos africanos e que vivem as consequências de um processo de diáspora, herdando, conseqüentemente, a condição humana de subalternização colonial.

O importante elemento que balizou nossa reflexão foi o contato com a liderança no âmbito do seu mecanismo político e de mobilização, isto é, a Associação Quilombola, que tem como principal finalidade a representação de seus sócios em busca de manter acesa a esperança por um futuro mais igualitário do ponto de vista social.

A ênfase dada ao povo quilombola tem fundamento no conjunto de ações que faz destes indivíduos militantes representarem proposta de sociedade que busca reconhecer e minimizar os impactos que o processo de escravidão, exclusão e opressão negra deixou como herança. Este fato é facilmente apreendido do discurso da liderança, principalmente no que diz respeito ao consenso de que é necessário o reconhecimento de ações que contribuam com o reconhecimento e reparação, por meio de ação afirmativa à população negra, em especial a quilombola.

As significativas falas da liderança quilombola, o senhor Narciso Vieira, apontam para a necessidade de se valorizar e implementar de fato e de direito instrumentos jurídicos e normativos já existentes, que possam contribuir na valorização dos saberes afro-brasileiros, abrindo as portas das nossas instituições escolares para as comunidades remanescentes de quilombo, apropriando-se dos direitos já conquistados, mas, principalmente, buscando intervir na superação das assimetrias que persistem em distanciar a prática da cidadania. Desse modo, faz-se necessária a participação e emancipação dos sujeitos e seus saberes e culturas, especialmente as novas gerações, na construção e continuidade de sua história de luta e resistência por conquistas de direitos sociais.

Referências

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 51-77, 2021

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Queroz, 1994.

COSTA, Sérgio; WERLE, Denilson Luís. Reconhecer as diferenças: liberais, comunitaristas e as relações raciais no Brasil. In: AVRITZER, Leonardo; DOMINGUES, Jose Maurício. **Teoria social e modernidade no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 159-178.

CUNHA Júnior, Henrique. **Coleção Educação para Todos**: História da Educação do Negro e outras histórias. Organizado por Jeruse Romão. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

_____. **Metodologia afrodescendente de pesquisa**, (manuscrito) 2006.

ESCOBAR Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização e pós-desenvolvimento. In LANDER, Edgardo. (Org.). **A Colonialidade do Saber**: eurocentrismo e Ciências Sociais. Trad. Júlio César Casarin Barroso Silva. 3. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PEREIRA, E. A. **Malungos na escola**: Questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2007.

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 51-77, 2021

PINHO, V. A. **Jovens negros em processo de “ressocialização”: Trajetórias de vida e escolarização**. Tese [Doutorado em Educação]. Rio de Janeiro/RJ: Universidade Federal Fluminense. 2010. Disponível em: <https://dlc.library.columbia.edu/catalog/ldpd:504916/bytestreams/content/content?filename=Vilma+Aparecida+de+Pinho.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

SANTOS, S. A. **Coleção Educação para Todos: Educação anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SETTON, Maria da Graça J., (2002). Família escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**. Revista da Faculdade de Educação da USP, v. 28, no 1, jan.-jun. 2002, p. 107-116.

STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Trad. Paulo M. Garchet. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

SOUZA, Neuza Santos. Tornar-se Negro. In. **A Psicose: um estudo lacaniano**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1983.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1993.